

LITERATURA NACIONAL



Capítulo de trabalho em elaboração
pelo

PADRE MISAEL GOMES

A firmar o amor da Terra-Moça, o Brasil não esqueceu as letras. Nas primitivas centúrias, pregadores, ensaios de crônicas e poetas. Mandaram livros da Europa, e daqui foram estudantes a Coimbra, Lisboa, Paris, alhures. Com o descobrimento do ouro, aquilata-se, comenta-se o belo e artístico das confecções nas igrejas das vilas ou em povoados de garimpo. "O ouro foi a miragem, depois o poder, a força, a primeira revelação brasileira ao mundo cúbido e deslumbrado."

Incrementou a cultura. Os poetas melhoraram logo depois de Bento Teixeira Pinto. O gosto e padronização de nossas características distendeu os horizontes da Colônia.

Nesta, são árcades os homens de letras, da escola metropolitana que reagira ao gongorismo. A sua maneira de escrever avassalou a quase metade portuguesa do Novo-Mundo, mesmo quem odiava os dominadores, levando as lampas ao despotismo régio. Foi exemplo Gregório de Matos na Baía, vulto desigual, boêmio, dos poetas o "mais nosso". Também as composições de Cláudio Manuel da Costa e Tomaz Antônio Gonzaga, ao sabor dos lusos.

Até a Escola de Minas-Gerais e depois, veio singular, veio vindo o influxo reinol. Deveras, ainda não assomou a Literatura da Nacionalidade em formação.

Reduzem de 1750 a 1830, o período dos seus inícios autônomicos, apesar do gosto imitativo adotando influxos do meio e da época. A inteligência expande-se, supeditando alentos à razão, e azula o vôo dos gênios,

que escapam a todas as medidas, infermam o valor dos coeficientes externos.

Ornatos e deuses mitológicos são indispensáveis nas composições, mormente poéticas. Agora a vez do Romantismo em busca do índio revel, e se animam neste setor as entradas, quando o clarim emudecera dos alvares do século em que Hugo e Lamartine, consignatários da nova corrente, triunfam de par com Chateaubriand, Bernardin de Saint-Pierre, Musset, Alfredo de Vigny. A despeito das rajadas napoleônicas, refregas e desordens políticas, não presenciaram as letras outro arrojo tão intenso. Despede-se a famigerada escola, dos apuros e agonias sensuais com Teófilo Gautier, para assumir cores e sons, facetas e tons, ao natural.

Dos românticos, um não conta aqui os valores: Gonçalves Magalhães, autor dos *Suspiros Poéticos*, Porto-Alegre, Odorico Mendes, João Francisco Lisboa, prosador que melhor talvez escreveu sobre o padre Antônio Vieira; Noberto de Sousa e Silva, com histórias, novelas, romances; Muniz Barreto, o talentoso repentista; Francisco Otaviano, Torres Bandeira e Martinz Pena, o nosso criador da Comédia; Manuel Antônio de Almeida, com o seu romance *Memórias de um sargento de milícias*; Pinheiro Guimarães, que nos legou: *História de uma moça rica* e *Punição* (dramas), *Quem casa quer casa* (comédia) e o romance *O Comendador*.

Tratou o país de conversar com as letras francesas. Roda o entreposto lisbonense. Gonçalves Magalhães, Manuel de Araújo Porto-Alegre e Gonçalves Dias sobrepõem-se a muitos outros no verso. Reputado é Teixeira e Sousa criador do romance brasileiro, conquanto velasse, copiosamente, Joaquim Manuel de Macedo a referir costumes, a surpreender personagens e aspectos que estudou, incidindo, perpetrando erros.

Bernardo Guimarães se abebera nas fontes sertanejas e quadros do país. Os romances *Ermidão de Magem*, *O Garimpeiro* e *A Escrava Isaura* adotam estilo singelo, evocador de sentimentalismo.

Alfredo d'Escagnolle Taunay, vezado a descrições da natureza, jornalista, romancista, orador, crítico e historiador, deixou-nos o romance *Inocência*, sobre várias obras célebres.

Entre a segunda geração romântica, destacamos Castro Alves e José de Alencar. O poeta assoberba, no bronze, a majestosa baía do Salvador. Nasceu a 14 de Março

de 1847; pela sua inspiração através de acentos novos, simpatia, força espiritual, surtos condoreiros e remígios poéticos, Castro Alves lembra Vitor Hugo. Não só, 24 anos apenas idos e vividos, familiarizou-se com Musset, Lamartine, Byron, Espronceda, sem esquecer o clássico mantuano, Vergílio. Foi, contudo, gênio verdadeiramente brasileiro.

Por essas alturas, ganha a poesia em sentimentos, intuições, idéias; soube revelar, com muita acuidade e nobres anseios, o substrato étnico; especial florescência, deu frutos na Abolição e na República.

A escola parnasiana, conforme aos ideais de Leconte de Lisle, realizou a beleza, atingiu a perfeição com Raimundo Correia, Olavo Bilac, Emílio de Meneses, Alberto de Oliveira; porem o realismo e naturalismo sobrederam os nomes cearenses de Franclim Távora, Adolfo Caminha, Domingos Olímpio, Oliveira Paiva, Rodolfo Teófilo, Papi Júnior, Antônio Sales e Raquel de Queiroz. Desses Franclim Távora, na opinião de Sílvio Romero e João Ribeiro, foi chefe do naturalismo campesino e nacionalista, no romance; pois esmerilhou cenas de observação direta, às vezes assuntos do século XVIII, coloridos, harmônicos, e figuras do mato, do campo, da roça.

Que mundos de simpatia se consagrou à França, por cujo intermédio recebemos o precípua da nossa cultura! Floresceu o Romantismo entre nós, antes de Portugal. Da França veio também a escola realista e naturalista. O francês modificou-nos o estilo, se não o travejamento da lingua vernácula. O mago autor de *Braz Cubas* escreveu períodos curtos, bem incisivos, preclaros, a que deveríamos chamar, sob esse aspecto, períodos franceses; pois "o traço definitivo da civilização francesa é a inteligência, que determina a razão, a ordem, a clareza e o gosto". A lingua de um artista é, concretamente, o próprio espírito desse artista. Dois escritores lusos de ficção e de nomeada, Eça de Queiroz e Júlio Dantas, os mais lidos quiçá no Brasil, não sonegaram, não refugiram a influência francesa.

Vamos, apreciemos o painel gigante, quasi direi heteróclito, do colosso brasileiro, onde toda região conserva sinais de que a Natureza se incumbiu e gravou. Ei-los característicos das zonas mais importantes.

Entram as *Praias*, com os rudes pescadores, latações, jungidos como craca à vizinhança dos focos urbanos. À sombra do coqueiral, velhos barcos, massame e

jangadas adormecidas entre cascalhos; movimento de dunas, arrebanhadas ao pastoreio do vento, ouvem-se rumores, agitação, em vindo alíseo brincar, a chapinhar... enquanto as praias quase a confundirem-se com as cidades, não tem sido apreciadas pelo estro com que experimentou Vicente de Carvalho, filho de Santos. É que esculpiu Tupá nos recortes litorâneos, paisagem magnificante, onde pudesse Anchieta, por exórdio da Literatura no Brasil, descrever com mão seráfica o poema da Virgem, como fez em Iperóí, quando da Confederação dos Tamoios.

Depois surge a *Mata*, já invadida a solidão da mata pela caterva ignorante, a raia de mestiços e caçadores, a mó sedentária de roceiros e opilados, indolentes e vingativos, foi assunto de romances a cujo fio tradicional se ligou José Américo, da Paraíba, autor de *Bagaceira*, e o nupérrimo José Linz do Rego. A mata é cismadora, tem encantos; a sua sombra é triste.

Avança logo o *Sertão*, com os agricultores caipiras, seus caboclos nômade, fanáticos, supersticiosos; Canudos da Baía e Juazeiro do Ceará, o Sací, lendas e gestas, o banditismo do cangaço, as vaquejadas e todo o drama que deu assunto ainda hoje inesgotável, à poesia dos nossos cantadores, ao folclorismo de João Ribeiro, Gustavo Barroso, José Carvalho, Leonardo Mota, Câmara Cascudo, Basílio de Magalhães. Primaram nos estudos folclóricos (prosa) Couto de Magalhães e Barbosa Rodrigues; a poesia mereceu contribuição do nosso Homero, de Juvenal Galeno. Intento científico e ensaios de Celso de Magalhães (*Poesia popular brasileira*) e José de Alencar (*O nosso Cancioneiro*). Esboçou a obra sistematizadora Sílvio Romero, coligindo e colecionando, publicando e discutindo, do mesmo passo que a "nova ciência se formava nas cinzas do Romantismo, do próprio Romantismo". Outros como o Barão de Santana Neri, Melo Moraiz Filho, Rodrigues de Carvalho fortaleceram a iniciativa romeriana, a sua obra imperecível, fonte requestada pelos estudiosos dessa modalidade de nossas tradições. Bem merece o seu estudo!

As bandeiras que pesquisam o veio opulento, o filão setanejo, até agora nada lhes impediu desvendar os mistérios na rota para ocidente, como as antigas bandeiras de Antônio Raposo Tavares, Fernão Dias Pais Leme, Bartolomeu Bueno da Silva; o contrário do que tem sucedido à catarata de Paulo-Afonso, "rouca de tanto gritar pelos engenheiros do Brasil". No entanto, as aguas do S-

-Francisco deram acesso a inúmeras bandeiras históricas, no enalço do oiro, de maravilhas em pedras, e escravidão do selvagem.

Na música insinua-se o ar do país. Vive a nossa trauteando narrativas desde Antônio Conselheiro, episódios de Antônio Silvino, Lampiões celebrizados, onças valentes e animais fugitivos. Maestros aproveitam-se; porque os acentos que escapam de gargantas rústicas dão como a idéia da Natureza a cantar.

Desde recheio o nosso *hinterland*, de música que prefere andamentos vagos, fraseologia significativa; lendas o toadas em que aedos mistificam raptos de moças, touros indomáveis, desafios poéticos. O lavrador matuto deslumbra nos seus cantares, horas de fadiga.

Da raça de Carlos Gomes, a maior expressão musical do continente, autor do *Schiavo*, *Salvator Rosa*, *Fosca* e *Guaraní*; não logramos ainda uma epopéia no verso. Entretanto Maabárata, Ramáiana, e os Nibelungos entre os germanos, foi assim que começaram.

“Não sei, falou Sílvio Romero, como não possam ter interesse estético inspirações do povo, que vão servir para realçar as produções de Goethe, de um Heine, de um Weber; não sei como se possa negar interesse psicológico-nacional às criações espontâneas do gênio popular...”

Em Novembro de 1902, surgiu obra irmã de *Inocência* e de *Iracema*, três faces pois do regionalismo literário, com os *Sertões* de Euclides da Cunha, a tese patriótica, azada e recebida como um alcorão nacional. Aqui nada mais se escreveu, disseram, como elemento próprio, típico e brasileiro, depois dos trabalhos do indígena por Alencar e do sertanejo por Euclides da Cunha. Este, sim, destocou assuntos, estimulou a contemplação de paisagens, remoçou e enfeitiçou a arte de Bernardo Guimarães, Taunay, Joaquim Noberto e Melo Moraes Filho. Acerca-se do mundo interior, distraindo da velha Europa fascinação juvenil.

Até agora mal se aproveitavam os sertões que, no dizer de Alberto Rangel, são o cerne, a polpa, a carne, as reservas substanciais da nacionalidade. Quando obtivermos definitivas na História, as tendências brasileiras, eles não-de concorrer com o seu patrimônio, ritos e hermenêutica dos nossos maiores; pois os gênios, os deuses da Literatura, nunca jamais dispensaram motivos espontâneos populares: nem Homero nem Vergílio, Dante nem

Cervantes, Goethe ou Shakespeare. Entre nós Afonso Ari-
nos, posso e quero acentuar, foi um dos que desempoei-
rou a estrada *Pelo Sertão*...

A *Selva*, enfim, onde o aborigine campeava autô-
nomo, robusto, caçador, antropófago, estacionário no neo-
lítico, objeto de idealizações: promoveu a escola de Gon-
çalves Dias e José de Alencar.

Interessou-se o padre Manuel da Nóbrega no redu-
zir, pela música, o habitante da Selva. Tanto levou o em-
penho, que Varnhagem não duvida em chamar-lhe "quase
segundo Orfeu". Algo eterno, mais brando, meigo e inde-
cifrável encontra-se no homem, a poesia.

Originariamente inspiradas as manifestações do gên-
io literário, o maior poeta nacional começou o indianis-
mo. Intérprete do povo, lírico na sensibilidade, a cornu-
cópia extravasa de encantos sobre Pindorama, terra das
palmeiras. Alexandre Herculano gozou dos seus versos,
que coroaram a maioridade do país. Com a obra de An-
tônio Gonçalves Dias e José de Alencar, instaurou-se pro-
priamente a fase da Literatura Nacional.

O escritor cearense foi prodigioso em sua expressão,
na psicologia das figuras, na música do seu estilo, na esco-
lha do vocabulário, que sabe às frutas da zona, doces mas
resinosas; no esplendor das imagens, que descobrem as-
tros e o perfil das serras. Ele absorveu o perfume, topou
acúleos por entre gigos doirados, ouviu o sussurro dos
campos, o remanso da terra seca e a polifonia da gleba
úmida. Tem o seu indianismo arrancos de temporal, in-
cêndios que devastam. Segundo Clovis Bevilacqua, desven-
dou Alencar ao minério que merecia cultivado.

Têmpera nervosa, forte, impulsivo, porem alto enge-
nho, manejou a pena com toda elegância. Descreveu gau-
chos, índios e sertanejos, sem conseguir fixar-lhes as ca-
racterísticas, na impossibilidade de quem viu tão só, con-
versou, não conviveu com o pessoal.

Nascido perto de Messejana, no Ceará, a 1.º de Maio
de 1829, foi juriconsulto, jornalista, deputado geral e
membro do gabinete de 16 de Junho de 1868. Ouçamo-lo
neste relanço enternecido do berço natal: "Quando te tor-
narei a ver, sertão da minha terra, que atravessei há tan-
tos anos na aurora serena e feliz da minha infância? quan-
do tornarei a respirar tuas auras impregnadas de perfu-
mes agrestes, nos quais o homem comunga a seiva dessa
natureza possante?"

As suas páginas entesoíram ritmos, elações, surpre-

sas do pensamento. As peças de teatro são comprovantes do seu gosto, que variou na crítica, no panfleto e na poesia. Os romances ainda hoje logram atrair-lhe o interesse público.

As escolas passam; mas deixam reminiscências. É o verde da Selva que continua redobrando tonalidades, matices, como se testemunhássemos, gozásssemos festival de cores. Parece a Amazônia um sonho! Robert Moore (1) descreveu trecho do estado de São-Paulo: "Na encosta da Serra há um paraíso de matas tropicais, regadas pelas águas da chuva, que caem frequentes de nuvens penduradas sobre a Serra. A todo lado orquídeas, flores exóticas e cipós enrolam pelas árvores. Contrastando com os tons do verde tropical, brilham os pássaros e as flores multicoloridas."

O verde paneja e lustra a Bandeira da Nacionalidade, concentrando oiro, numa síntese das coxilhas e canaviais, das grandes taças de pinheiros, ervas, café, matas e brenhas. Ignoramos apuros, refinamentos, preconceitos de sangue; não alimentamos a superstição da cor. É-nos dado, porém, o culto cívico do verde e oiro de nosso pavilhão. Castro Alves hineja-o encerrando, à luz do Sol, *as promessas divinas da esperança...*

Aquí somos mundo a elaborar-se, ou a refundir-se. Tateamos, hesitamos as mais das vezes sobre o ideal, a decifrar enigmas, resolver problemas, estudando o progresso começado. De ontem a nossa cultura. Se a infância dos povos e a adolescência mergulha entre sonhos, a observação há-de vir, força analisadora, sazonzando frutos.

Dois soberanos no Brasil cimentaram-lhe os alicerces, estreitaram vínculos sociais; a Regência consagrou o princípio da autoridade, o que não impediu as águas intumescam pelo tempo adiante, e cresçam, enquanto o tro-no vacila, fraqueja, cede...

Veio a República Sob o signo liberal, para logo maior elasticidade concedeu ao pensamento, mais amplo o critério do Direito, estimulando forças, disciplinando versatilidades, instintos do povo, sob o lema: *Ordem e Progresso*.

Do nosso Machado de Assiz, conspícuo nas letras, revestindo qualidades atenienses, esta observação: "O que se deve exigir de um escritor, para ser homem da sua época e do seu país, é certo sentimento íntimo de nacionalismo, ainda quando se trate de assuntos remotos no espaço e no tempo." Mercê de Deus, um polímato como

Rui, que subiu o Itatiaia de conhecimentos patrióticos; José de Alencar, que observou e immortalizou, não menos, virtudes da raça; Taunay, Coelho Neto, Euclides da Cunha, Joaquim Nabuco, Afonso Arinos, Franclim Távora, explorando matéria, estudos regionalistas, forcejaram, trabalharam por escrever ao senso legítimo, verdadeiro, da nossa eterna unidade.

Então viva a esmaltar-se, a coroar de flores e frutos, multiplicando siderações da Literatura Nacional e enriquecendo a Pátria, cada uma de suas regiões!

(1) *The Geographic Magazine*, Maio de 1829.
